

**A CEGUEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19 A PARTIR DA OBRA  
ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA DE JOSÉ SARAMAGO**

**BLINDNESS IN TIMES OF PANDEMIC COVID-19 BASED ON THE WORK ESSAY  
ON BLINDNESS BY JOSÉ SARAMAGO**

**Rosália Maria Carvalho Mourão<sup>1</sup>**

**RESUMO:** A literatura é fonte de reflexão sobre os problemas que devastam a humanidade e estão explícitos em obras literárias, como: Decamerão de Giovanni Boccaccio, A máscara da morte vermelha de Edgar Allan Poe, A Peste de Albert Camus e O ensaio sobre a cegueira de José Saramago servindo como fonte de discussão a respeito de epidemias e os problemas ocasionados por elas, seja na saúde, nas relações pessoais, nos sentimentos, dentre outros. O artigo dá um destaque a obra Saramaguiana, em virtude da cegueira que assola a população brasileira em relação a COVID-19, como não acreditar no número de mortos divulgados na imprensa, duvidar dos especialistas em saúde, não tomar os devidos cuidados para se prevenir de uma possível contaminação, assim como de contaminar outras pessoas, não utilização da máscara, não obedecer as regras de isolamento social e quarentena impostas pelo Estado como forma de diminuir o número de infectados e mortos pela doença, seja na ficção ou na realidade. É uma pesquisa de natureza bibliográfica que procurou relacionar a cegueira como metáfora da (des)umanização, do medo que cega as pessoas nas relações pessoais numa época de pandemia, nos direitos violados previstos na obra de Saramago relacionados com a COVID-19.

**Palavras chaves:** Cegueira; Direito e Literatura; Ensaio sobre a cegueira. Pandemia. COVID-19.

**ABSTRACT:** Literature is a source of reflection on the problems that devastate humanity and are explicit in literary works, such as: Decameron by Giovanni Boccaccio, The mask of red death by Edgar Allan Poe, The Plague by Albert Camus and The essay on blindness by José Saramago, serving as a source of discussion about epidemics and the problems caused by them, whether in health, personal relationships, feelings, among others. The article highlights the Saramaguian work, due to the blindness that plagues the Brazilian population in relation to COVID-19, such as not believing in the number of deaths reported in the press, doubting health experts, not taking due care to prevent of possible contamination, as well as of contaminating other people, not wearing the mask, not obeying the rules of social isolation and quarantine imposed by the State as a way to reduce the number of people infected and killed by the disease, whether in fiction or in reality. It is a bibliographic research that sought to relate blindness as a metaphor for (de) humanization, the fear that blinds people in personal relationships in a time of pandemic, in the violated rights foreseen in Saramago's work related to COVID-19.

**Keywords:** Blindness. Law and Literature. Blindness essay. Pandemic. COVID-19.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Criminais na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCCrim/PUCRS). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí. Bacharel em Direito pelo Instituto Camillo Filho e Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Piauí.

## 1. Introdução

A pandemia de Coronavírus que estamos vivendo é algo nunca visto no mundo, no entanto a Literatura possui obras que falam de outras epidemias ao longo dos séculos e como a população de várias cidades e países foram afetados, as reações das pessoas perante a morte dos entes queridos, que na maioria dos casos não podiam ser velados, por medo de contaminarem os vivos, e nem mesmo enterrados com dignidade, visto que, em algumas épocas covas coletivas foram utilizadas como único recurso para enterrar o número absurdo de pessoas que as epidemias mataram. Na Literatura existem várias obras que nos fazem refletir a respeito dessas épocas de dor e sofrimento e de que como a sociedade se reinventa depois de catástrofes pandêmicas como a que vivemos agora. Enquanto o Direito regula as relações humanas e sociais, novos decretos, e leis surgem para tentam minimizar os estragos de uma pandemia como a do COVID-19, tratando de pagamentos de impostos, abertura ou fechamento de comércio, escolas, bancos, serviços essenciais ou não, demissão em massa de empregados com ou sem acordos trabalhistas, desemprego, inflação, economia, dentre tantos outros temas que o Direito regula e que a Literatura mostra as consequências na vida de seus personagens.

Segundo Lenio Streck (2013, p.227)

Não tenho dúvida de que a Literatura pode ensinar muito ao direito. Faltam grandes narrativas ao direito. A literatura pode humanizar o direito. Há vários modos de dizer as coisas. Uma ilha é um pedaço de terra cercado por água, mas também pode ser um pedaço que resiste bravamente ao assédio dos mares.

O artigo vai abordar algumas obras literárias que discorrem sobre epidemias como a peste bubônica e o que aconteceu com as pessoas durante estes episódios, que ocorreram em várias épocas como veremos, mas dando ênfase na obra O ensaio sobre a cegueira de José Saramago que é o objeto do artigo, as demais obras citadas servem para situar que as epidemias sempre fizeram parte da humanidade e que mesmo no século XXI, ainda temos dificuldade de enfrentá-las de forma adequada, e que não cause tanto impacto na vida das pessoas, nas relações pessoais, na economia, na saúde, educação, assistência social, criminalidade e em demais aspectos.

Em Decamerão, obra clássica de Giovanni Boccaccio, publicado em 1353, dez pessoas (7 mulheres e 3 homens) narram várias novelas enquanto estão isolados em Florença, temendo que a peste negra os contamine, visto que a epidemia se estendeu pela Europa. Na primeira jornada, a narradora Pampinéia fala da peste negra e de como esta surge, contamina os sãos a partir dos doentes, o número crescente de curandeiros e cientistas tentando

compreender a doença e encontrar-lhe a cura, sem nenhum tipo de progresso. Depois de aparecerem os primeiros sintomas, que podiam variar de pessoa para pessoa, a morte quase sempre era inevitável.

Não apenas o conversar e o cuidar de enfermos contagiavam os sãos com esta doença, por causa da morte comum, porém mesmo o ato de mexer nas roupas, ou em qualquer outra coisa que tivesse sido tocada, ou utilizada por aqueles enfermos, parecia transferir, ao que bulisse, a doença referida. (BOCCACCIO, 2003, p.10).

O contágio se dava de forma direta com o próprio doente ou com algo que este tocasse, o medo se alastra entre todos, amigos e familiares são abandonados “ E quase tudo era dirigido para um fim bastante cruel: o de se ficar enojado dos enfermos e de fugir das suas coisas, e deles” (BOCCACCIO, 2003, p. 11) , quando agiam desse modo acreditavam que estariam seguros e livres da peste.

As pessoas morriam as centenas, depois aos milhares, a doença não escolhia quem levar, ricos ou pobres todos padeciam pelo contágio, todos sofriam com a morte de amigos, familiares, vizinhos e muitas vezes não podiam se despedir, velar ou chorar os defuntos ou por medo da contaminação ou porque também estivessem doentes.

Tão grande era o número de mortos que, escasseando os caixões, os cadáveres eram postos em cima de simples tábuas. Não foi um só caixão a receber dois ou três mortos simultaneamente. Também não sucedeu uma vez apenas que esposa e marido, ou dois e três irmãos, ou pai e filho foram enterrados no mesmo féretro. (BOCCACCIO, 20023, p.13)

As covas coletivas tornaram-se comuns em várias épocas em que tivemos epidemia de peste negra ou de gripes, o número de mortos excedia em muito a capacidade dos vivos em enterrá-los ou mesmo de prestar-lhes as últimas homenagens, em virtude de não poder haver aglomerações e um contato mais próximo entre as pessoas.

Em Manaus, a prefeitura teve que abrir covas coletivas para enterrar os mortos ou suspeitos que morreram de COVID-19, não há mais velórios, os caixões estão lacrados, impedindo que as famílias se despeçam de seus entes queridos por medo da contaminação. Em épocas de pandemia, qualquer que seja ela, os números de infectados e mortos pela doença, ultrapassam a capacidade dos vivos de enterrá-los e ao fazê-lo de forma coletiva tira o caráter pessoal do velório e do enterro, cada pessoa que perde um ente querido, quer velar, chorar e enterrar devidamente seus mortos, infelizmente isso não está sendo possível. O que se lê na ficção nas obras literárias, se concretiza em 2020 em vários lugares do mundo como Itália, Espanha, Equador e Brasil.

A narrativa de Decamerão dá-se em um momento em que as pessoas de quarentena fogem da peste, buscam refúgio em lugares afastados em que provavelmente o flagelo da doença não os encontre. Ainda assim não é garantia que não sejam contaminados, contar

histórias é uma forma de passar o tempo e não pensar nos que pereceram perante a peste, de não dá voz ao medo que os assola, uma fuga da triste realidade que os circunda.

Em 1842, Edgar Allan Poe publica *A máscara da morte vermelha*, conto que narra a peste que assola o país e que mata seus habitantes com dores terríveis. “As manchas escarlates sobre o corpo, em particular no rosto da vítima, eram o estigma da peste, que a privava da solidariedade e da compaixão de seus semelhantes. Em meia hora, a doença tomava conta, progredia e levava sua vítima ao fim” (POE, 2018, p. 91). Em todas as narrativas de epidemia de peste, as descrições do contágio, das dores, das manchas avermelhadas ou negras pelo corpo, do abandono e solidão em que as pessoas morrem, vítimas da peste e do medo que assola a população, que não permite que quem esteja doente receba os mínimos cuidados são detalhados e com narrativas muito parecidas.

Os ricos, apesar de também serem vítimas ainda assim conseguem por algum tempo ludibriar a morte, fogem para outros lugares em que a peste ainda não esteja devastando a população, ficam longe de pessoas doentes e usufruem de tudo quanto o luxo e a riqueza podem oferecer, enquanto a população morre à míngua, de peste ou de fome.

No conto de Poe, o príncipe Próspero ao vê seu reino devastado pela peste, convoca mil amigosãos entre homens e mulheres e isola-se com eles em uma abadia, de muralha alta e cercada com portões de ferro, sem se importar com aqueles que fora dos muros da abadia morrem de forma dolorosa, sem auxílio de quem os devia proteger ou no mínimo mandar-lhes auxílio. Dentro dos muros, a riqueza, o luxo, a saúde dos que tiveram por sorte serem escolhidos pelo príncipe Próspero é uma dádiva da vida que merece ser comemorada e assim faz o príncipe, que convoca um baile de máscara majestoso para seus convidados e no qual a abadia é ornamentada com 7 salões, que chamam a atenção pela riqueza nos detalhes, com exceção de um salão, que era envolto em cortinas de veludo preto e com vidraças cor de sangue, que davam um ar mórbido e sombrio, poucos eram os convidados que ousavam entrar neste salão.

No entanto, um convidado inesperado, fantasiado de Morte Vermelha surge no sétimo salão, deixando todos com medo e ao mesmo tempo indignados, quem se atreve a lembrá-los da peste quando estão celebrando a vida.

A máscara que lhe ocultava o rosto imitava com tanta perfeição a rigidez do semblante de um cadáver, que até mesmo o melhor dos exames teria tido dificuldade em perceber o engano. E, no entanto, tudo isso deveria ser suportado, se não aprovado, pelos presentes. O mascarado tinha ido longe demais ao fantasiar-se de Morte Vermelha. Suas vestes estavam encharcadas de sangue – e a testa ampla, assim como todos os traços de seu rosto, estavam borrifados com horríveis manchas escarlate. (POE, 2018, p.96)

A descrição do desconhecido que adentra os salões de festa sem ser convidado pelo anfitrião, que não responde aos chamados deste quando indaga quem tem a coragem de se fantasiar de Morte Vermelha, causa um impacto no leitor, que desconfia de quem seja, até ver sua impressão ser confirmada quando o príncipe Próspero depois de se recompor de sua momentânea covardia, desembainha a adaga e aproxima-se do desconhecido “Ouviu-se um grito agudo e a adaga caiu no chão, brilhando no tapete preto – o mesmo sobre o qual caiu morto, instantes depois, o príncipe Próspero” (POE, 2018, p. 98).

O que fica claro é que a peste chegara finalmente aquele refúgio, independente do luxo ou da riqueza, dos muros que os protegem, dos portões que foram soldados para que ninguém entrasse ou saísse da abadia, nada disso adiantou para a peste que assolava a região. “Ela havia vindo como um ladrão na calada da noite. Um a um, os cortesãos tombaram nas paredes borrifadas de sangue dos salões da folia e morreram, cada um com o mesmo semblante de desespero com que haviam tombado. (POE, 2018, p. 98).

Em 2020 o mundo parou para assistir mais uma vez uma pandemia, uma como nunca antes vista. As outras epidemias que aconteceram, que foram narradas em várias obras literárias, permaneciam em regiões específicas, com uma mortandade elevada, mas não tinha atingido todos os continentes, o mundo não parou para contabilizar seus mortos, o medo não se alastrou de forma assustadora como agora e que a mídia intensifica todos os dias, seja com a contagem dos mortos, dos contaminados, com as histórias dos que sofreram, pereceram ou sobreviveram ao COVID-19.

Como a arte e a Literatura servem de reflexão, as duas obras mais comentadas e lembradas neste momento foram exatamente A Peste de Albert Camus e O Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago que voltaram a ficar entre os livros mais vendidos e baixados na internet, com muitos artigos e citações dessas obras permeiam as redes sociais após a pandemia.

A Peste é a obra de Albert Camus, publicada em 1947, que narra a epidemia de peste bubônica que assolou a região de Orã, na costa argelina. “E contudo as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas” (CAMUS, 2008, p. 40). Isso permanece verdadeiro, mesmo no século XXI, em 2020, muitos foram os líderes governamentais que desdenharam da doença no início, quando a China lutava contra os altos números de infectados e mortos, depois a Europa viu países como a Espanha e a Itália principalmente, que não fizeram isolamento no início da doença, aumentar de forma absurda o número de mortos, não tendo como velá-los, enterrá-los da forma como a família gostaria e o mundo se alarmou e perceberam quando já era muito tarde, que o COVID-19, não era um

gripe simples, como muitos pensavam, mas uma doença grave que atingia o sistema respiratório, os pulmões e que nenhum país estava preparado para a quantidade de infectados que precisavam de atendimento médico seja ele público ou particular.

A obra de Camus detalha mais os sentimentos humanos, a dor da separação dos entes queridos, a luta diária de médicos e autoridades sanitárias para minimizar os efeitos da doença, a busca da cura do mal, as pesquisas científicas que são insuficientes e que são necessários anos de estudo (tempo), paciência e dinheiro para descobrir o que é necessário para acabar com a peste e os sentimentos da população que afloram.

Havia os sentimentos comuns, como a separação ou o medo, mas continuavam a colocar em primeiro plano as preocupações pessoais, ninguém aceitara ainda verdadeiramente a doença. A maior parte era sobretudo sensível ao que perturbava os seus hábitos ou atingia os seus interesses. Impacientavam-se, irritavam-se e esses não são sentimentos que se possa contrapor à peste. A primeira reação, por exemplo, era culpar as autoridades. (CAMUS, 2008, p. 77)

Culpar as autoridades pelo número crescente de contaminados e mortos é algo recorrente em todas as épocas de epidemia, no entanto, sozinho o governo de nenhum país consegue agir, é necessária conscientização por parte das pessoas para que compreendam as medidas de higiene que devem adotar, o isolamento social que devem manter, os cuidados com os contaminados e auxiliem as autoridades no combate à doença.

Para começar o prefeito tomou medidas relativas à circulação dos veículos e ao abastecimento. Este foi limitado e a gasolina, racionada. Determinou-se até a economia de eletricidade. Só os produtos indispensáveis chegavam por terra e pelo ar a Orã. Foi assim que se viu o trânsito diminuir progressivamente, até ficar quase nulo, as lojas de luxo fecharem de um dia para o outro, outras expunham nas vitrines cartazes negativos, enquanto filas de compradores se formavam diante de suas portas. (CAMUS, 2008, p. 78)

Assim, em Orã como em muitos outros lugares em que a peste devastou milhares de pessoas a Economia e a vida que as pessoas conheciam é completamente modificada. Como o que está acontecendo no Brasil, em que municípios, Estados emitem decretos dizendo que serviços essenciais podem funcionar e o que deve permanecer fechado, enquanto o COVID-19 continua crescendo em números de vítimas.

As obras literárias citadas acima mostram como a Literatura é rica de narrativas em que doenças são relatadas, principalmente a peste bubônica e os vários tipos de gripes, o impacto que tiveram na sociedade da época e como as pessoas vivenciaram as mais variadas pandemias ao longo dos séculos, o que aprendemos ou não com as experiências passadas eternizadas nas obras literárias?

## 2. O que a Literatura pode nos ensinar em tempo de pandemia de COVID-19?

Em tempo de isolamento e quarentena no Brasil, devido a pandemia de COVID-19 lê é um hábito que auxilia o tempo a passar mais rápido, bem como a partir das obras literárias lidas, muitas reflexões e questionamentos podem surgir. Assim que escolas, faculdades, e universidades fecharam suas salas de aula, com medo do contágio e iniciaram as aulas através dos meios virtuais, por várias plataformas educacionais disponibilizadas na internet, surgiram várias dicas de filmes e livros para minimizar os efeitos do isolamento social. A peste de Camus e o Ensaio sobre a cegueira de José Saramago foram os livros mais citados e é possível encontrar na internet várias resenhas sobre as duas obras. Segundo Lênio Streck

A cotidianidade do direito não nos toca. Ou seja, a realidade não nos “diz nada”. Mas as ficções, sim. Com isso, confundimos as ficções da realidade com a realidade das ficções. Ficamos endurecidos. A Literatura pode ser mais do que isso. Necessitamos do absurdo, do impossível, para constatar a crueldade do mundo que nos cerca, por isso precisamos de literatura, mostrando de novas formas, de um novo lugar de fala, nas palavras de Barthes (ou situação hermenêutica, para falarmos com Gadamer), para demonstrarmos o que é digno de crítica. Ela pode ser o canal de aprendizado do direito nas salas de aula. (STRECK, 2013, p.62)

Através da ficção o leitor consegue visualizar a epidemia e os impactos que ela teve em vários segmentos da sociedade, desde a camada mais pobre a mais abastada, todos perderam familiares, amigos, o emprego e o meio de subsistência, enquanto outros exploram financeiramente a miséria alheia, a ficção permite ao leitor perceber situações que sozinho não conseguiria imaginar, auxilia a exercer a empatia em relação a alguns personagens, a compreender situações que nunca imaginou que pudesse acontecer. Segundo Antonio Cândido:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p. 17)

Em várias entrevistas, Saramago disse que a ideia da obra O Ensaio sobre a cegueira ocorreu enquanto almoçava no restaurante Lisboa Varina da Madragoa, em que ao observar as pessoas imaginou e se elas cegassem, o que aconteceria? E deu-se conta que as pessoas já estavam cegas, não propriamente dos olhos, mas da razão.

O tempo da escritura, sobretudo nos últimos tempos, foi de sofrimento, de momentos em que me sentia incapaz de aguentar aquilo que estava a escrever. [...] A certa altura, cheguei a dizer: não sei se consigo sobreviver a este livro. Foi como se

tivesse dentro de mim uma coisa feia, horrível, e tivesse que sacá-la. Mas não saiu, está no livro e está dentro de mim. (LOPES, 2010, p. 151)

Saramago sofreu ao escrever, o leitor sofre ao ler, pela crueza dos detalhes, por visualizar o que um ser humano é capaz de fazer a outro, quando o sentido da visão metafóricamente lhe é retirado. A cegueira é uma metáfora para um mal do espírito, o egoísmo que assola a sociedade e que assim como a peste, a gripe e tantas outras doenças matam milhares de pessoas todo ano.

Certas doenças mais que doenças, flagelos da humanidade, tiveram seus nomes transformados em sinônimos do mal ou até mais que isso, serviram para designar o mal propriamente dito. A Peste é uma delas. Palavra impronunciável porque carrega consigo uma carga conotativa de tal intensidade que ultrapassa o próprio significado. A Peste é uma palavra impronunciável, uma palavra tabu e causa abalo naquele que a escreve e naquele que a lê. (WANDERLEY, BRAGA, 2011, p. 420-421)

Na obra O ensaio sobre a cegueira de Saramago, o mal-branco como é designado pelos personagens é uma doença que atinge toda uma sociedade, que o autor não delimita onde ocorre, como nas demais obras literárias, não diz o local exato em que a narrativa se desenvolve, porque a cegueira que atinge o homem pode ocorrer em qualquer lugar do mundo, todas as pessoas podem ser atingidas, independente de raça, religião, orientação sexual, conduta moral, todos podem cegar e cegam, porque o egoísmo e o medo os atinge em tal intensidade que a pouca razão que ainda mantinham se extingue e leva-os a cometer verdadeiras atrocidades para sobreviver.

### **3. O Ensaio sobre a cegueira.**

A obra publicada em 1995 por Saramago trata de uma epidemia de uma cegueira branca, mal nunca antes diagnosticado na literatura médica, até porque a cegueira como se sabe e os personagens ressaltam na obra é negra, diferente do que descreve o primeiro cego. “Agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis. (SARAMAGO, 1995, p. 16).

A narrativa inicia-se com um homem em seu automóvel esperando o semáforo abrir, quando de repente percebe-se cego. Logo iniciam-se as buzinas e as reclamações pelo trânsito parado, quando um homem resolve perguntar o que aconteceu e quando percebe que o primeiro cego não pode mais dirigir, o auxilia a chegar em casa. Depois de ter ajudado, aproveita de um descuido do primeiro cego e furta-lhe o automóvel. A esposa do primeiro cego o leva ao oftalmologista e lá encontram os personagens principais da narrativa, o rapazinho estrábico, a rapariga de óculos escuros, o oftalmologista, todos os que têm contato

com o primeiro cego, também cegam repentinamente. O oftalmologista por dever de ofício alerta as autoridades para o que está acontecendo e o Governo decide colocar os primeiros cegos em quarentena num manicômio abandonado. Este é dividido em duas alas, a primeira ficam os cegos e a segunda os que tiveram contato com os cegos, mas que ainda não cegaram, à medida que vão cegando vão passando para a outra ala. No meio dessa epidemia que o governo, cientistas não conseguem determinar a causa e as consequências, instala-se um clima de pânico entre a população, quando as pessoas começam a cegar fazendo coisas simples do dia a dia, como: dirigir o carro, lavar a roupa, dormir, fazer compras, etc.

Tanto na obra de Saramago, como na pandemia de COVID-19 há uma quebra da normalidade da vida, tudo que se conhecia até então se modifica, e as pessoas continuam agindo como se não houvesse um inimigo invisível que causa estragos não apenas na saúde física das pessoas, mas na saúde mental, com o aumento da depressão, isolamento e distanciamento sociais, o comércio fechado e os comerciantes falindo, aumento do desemprego e a incerteza do que vai acontecer, a busca por uma cura ou vacina no mundo, todos unidos no propósito de ou curar a doença ou preveni-la.

E fala-se insistentemente em um novo normal. E ficam as perguntas: O que é o novo normal? Existe voltar ao normal depois de todas as tragédias humanas experimentadas? Depois da pandemia de Coronavírus a humanidade realmente aprendeu alguma coisa e vai melhorar?

#### **4. A cegueira como metáfora de (des)humanização**

Ao lê a obra O Ensaio sobre a Cegueira nos deparamos logo com a desumanização pelo que passam os personagens, situações que nenhum ser humano está preparado para vivenciar logo depois de perderem a visão. Mas para falar do processo de desumanização, é necessário primeiro entender o que é humanização, conceito dado por Antonio Cândido:

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 22)

A obra de Saramago desenvolve a sensibilidade do leitor ao deparar-se com situações inomináveis, mas também vivencia exemplos de humanidade nos personagens, como é o caso da rapariga de óculos escuros que toma conta do rapazinho estrábico, visto que este se perde

de sua mãe, ela toma conta dele em toda a narrativa; a mulher do médico que auxilia seu grupo de cegos composto pelo: oftalmologista (seu marido), a rapariga de óculos escuros, o rapazinho estrábico, o velho da venda preta, o primeiro cego, a esposa do primeiro cego. Não só a esses ela ajuda, mas na medida do possível auxilia a quem precisa dela, sem dizer a ninguém que é a única que enxerga. O velho da venda preta compartilha com o grupo as informações do que estava acontecendo na sociedade antes de ser transportado para o manicômio e com seu rádio de pilhas, possibilita por algum tempo que os confinados saibam das notícias fora do manicômio e às vezes, por alguns minutos possam ouvir um pouco de música. O oftalmologista na medida do possível tenta com os recursos disponíveis minimizar as dores do ladrão de carros, quando este estava sofrendo com um ferimento infeccionado.

Os personagens compartilham uma experiência dolorosa que é a perda da visão, mas descobrem ao final da narrativa, após sair do manicômio, que são uma família, quando cada um podia se separar e buscar sobreviver por conta própria, permaneceram juntos, indo na casa da rapariga dos óculos escuros para saber se seus pais estavam bem, o que tinha acontecido com eles?

A desumanização está em toda a obra, ao perderem a visão, os personagens ficam sem saber que decisões tomar, para onde ir, os que estão em isolamento na quarentena não sabem como agir, se devem seguir as ordens que todos os dias são lidas ou se rebelar contra elas. Situações constrangedoras acontecem no manicômio, como: o roubo de comida e a partir daí fica explícito a desigualdade social na obra, porque alguns conseguem mais comida que os outros, os cegos malvados aproveitam-se para através da violência tomar os poucos pertences de valor que os demais cegos possuem e não contentes com esse gesto, conseguem chegar ao mais baixo nível de degradação humana ao exigir que as mulheres das outras cinco camaratas sirvam a eles sexualmente, em troca de comida, quando estas recusam a proposta, eles esperam que a fome as façam aceitar, o que termina acontecendo. As cenas de estupro coletivo são chocantes pela riqueza de detalhes e a animalização dos homens, que relinchavam, grunhiam enquanto violentavam as mulheres.

Amanhecia quando os cegos malvados deixaram ir as mulheres. A cega das insónias teve de ser levada dali em braços pelas companheiras, que mal se podiam, elas próprias, arrastar. Durante horas haviam passado de homem em homem, de humilhação em humilhação, de ofensa em ofensa tudo quanto é possível fazer a uma mulher deixando-a ainda viva. (SARAMAGO, 1995, p. 178)

A objetificação da mulher é nítida, elas não são tratadas como seres humanos, mas como fêmeas que devem servir aos desejos carnis violentos dos homens, que as submetem a

violência física e psicológica, levando a cega das insónias à morte devido a crueldade e violência do estupro coletivo.

Desse modo, devemos considerar que o autor não fala só da desumanização, mas torna o seu romance desumanizado, porque coloca as personagens em situações constrangedoras, ridículas, lida com o escatológico e, mesmo mostrando simpatia pelas personagens mais nobres, evita o expediente sentimental de piedade. (TEIXEIRA, 2014, p. 96)

A descrição do estupro coletivo mostra que mesmo numa situação de epidemia de cegueira, alguns homens se deixam influenciar pelos instintos mais abjetos, numa situação em que todos deveriam se ajudar para sobreviver com um mínimo de dignidade, os cegos malvados conseguem piorar a situação de todos os cegos e contaminados que estão presos no manicômio. A cegueira por si só já é um mal que retira a dignidade das pessoas que não conseguem mais viver e fazer as coisas como faziam antes, desde as situações mais simples como a higienização do próprio corpo ao tomar banho, defecar e urinar no local adequado, manter a civilidade no convívio com pessoas desconhecidas e de pensamentos diferentes. O que se nota é um processo de desumanização como cita o autor:

Ao longo do processo de des-humanização de que vamos ser testemunhas, adensa-se o já antes perceptível afastamento/isolamento do ser humano face ao seu semelhante. As famílias desfazem-se, desmembram-se, dificilmente se conseguindo reunir em virtude da cegueira que arrasta tudo e todos no seu torvelinho. (SILVA, 2010, 213-214)

Alguns conseguem manter a família junto a si, como é o caso do oftalmologista e a mulher do médico, o primeiro cego e a mulher do primeiro cego, no entanto, outras personagens estão sozinhas e não sabem onde estão suas famílias, como é o caso da rapariga de óculos escuros em relação aos seus pais, e o rapazinho estrábico que não sabe onde está sua mãe e chama insistentemente por ela, até encontrar o colo materno da rapariga de óculos escuros que passa a cuidar dele, o homem de venda preta não tem família.

No final da narrativa nem a rapariga de óculos escuros e nem o rapazinho estrábico reencontram suas respectivas famílias, mas quando a visão volta e eles começam a enxergar novamente e estão hospedados na casa do oftalmologista eles já têm se tornado uma família. Ao mesmo tempo que se têm uma desumanização das relações familiares, outras são construídas, porque o ser humano precisa de afeto, de cuidar e ser cuidado e isso é explícito na relação amorosa que se inicia entre a rapariga de óculos escuros e o velho da venda preta que formam um casal “porque o homem que eu ainda sou gosta da mulher que tu és, Custou assim tanto a fazer a declaração de amor, Na minha idade, o ridículo mete medo, Não foste ridículo,” (SARAMAGO, 1995, p. 291).

O medo de uma relação amorosa numa situação insólita como a da cegueira branca, entre um homem velho e uma mulher jovem, linda e desejada por vários homens. O velho da venda preta não se considera digno do amor dela, mas ela vê algo mais que apenas a aparência dele, vê as atitudes, a essência de uma alma que conseguiu tocar sensivelmente a alma dela e não apenas um corpo tocando desesperadamente outro corpo.

Nossa sociedade é tecnológica, voltada para o consumo e muitos não se preocupam com os valores humanos, o homem torna-se indiferente a dor do próximo, racionaliza as coisas, tem acesso a uma informação ilimitada de conteúdos e que por isso mesmo tem que ser selecionada, que deveria ser útil para compreender o outro, mas infelizmente não é compartilhada de forma adequada, as pessoas não conseguem compreender a si mesmas, muito menos ao próximo.

Ao escolher esses detalhes, Saramago quer exprimir duas ideias: a primeira, que as pessoas são conhecidas somente por uma pequena parte delas, ninguém é conhecido pelos outros nem por si mesmo por inteiro. Isto na realidade, é resultado da apressada vida contemporânea e demonstrado pelas novas descobertas no campo da psicologia. A segunda, que, sendo os olhos um espelho da alma, a cegueira seria uma metáfora dos tempos modernos, ou seja, o homem moderno é um ser endurecido, incapaz de sensibilizar-se com os dramas de seus iguais. A cegueira é uma metáfora da própria desumanização ou se quiser ainda da alienação em que vivem os homens. (TEIXEIRA, 2014, p. 40)

Conhece a ti mesmo, como diria o filósofo é uma das maiores dificuldades do ser humano, somos seres complexos demais, para limitar-nos a apenas uma parte do que somos. Ninguém conhece plenamente a si mesmo, nem ao outro, pois mudamos de ideias, pensamentos, fazemos coisas inimagináveis e que muitas vezes dissemos que jamais faríamos. Quem ao ler o Ensaio sobre a cegueira não se imaginou naquela situação e pensou: e eu? O que eu faria? Agiria com o altruísmo da mulher do médico ou seria egoísta como outros personagens? Perdoaria a traição do médico e da rapariga de óculos escuros ou deixaria eles e os demais personagens relegados a própria sorte? Mataria ou não o líder dos cegos malvados ou permaneceria sendo estuprada e vendo outras mulheres sendo estupradas e mortas pelos cegos malvados? Auxiliaria a um grupo pequeno e coeso ou tentaria ajudar a todos? Que reflexões cada um de nós chegaria ao vivenciar a cegueira branca que assola os personagens da obra? Em época de pandemia de COVID-19 o que nos torna cegos em relação a situação do coronavírus no Brasil?

## 5. O medo cega

Em época de pandemia seja ela de peste bubônica, de gripe ou de COVID-19 o medo é um sentimento que assola a todos, medo de contaminação e de contaminar as demais pessoas, de não sobreviver a epidemia, de não voltar a dita normalidade, na obra fica nítido o medo das pessoas que ficam cegas, porque ninguém sabe como se dá a contaminação. Como pega-se o mal branco? Basta olhar para os olhos sem vida de um cego ou precisa-se de um contato físico mais íntimo com o infectado? Congressos foram feitos, pesquisas realizadas, discussões com os mais diversificados pesquisadores, mas ninguém tinha a resposta, como a cegueira iniciou-se, quando as pessoas vão recuperar a vista “O medo lá fora é tal que não tarda que comecem a matar as pessoas quando perceberem que eles cegaram”. (SARAMAGO, 1995, p. 120)

Independente de ser um ente querido, um vizinho, quando as pessoas cegavam eram abandonadas pelos seus familiares e amigos, todos com medo do contágio, por isso deu-se a quarentena, para que as pessoas cegas se isolassem, enquanto o governo mobilizava todos os recursos possíveis para buscar a causa e a cura da cegueira. “O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cégamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” . (SARAMAGO, 1995, p. 131)

A rapariga de óculos escuros percebe que a cegueira não é um mal apenas da vista, mas do próprio espírito, antes de serem postas em quarentena pela contaminação do mal branco, as pessoas já estavam cegas do espírito. A rapariga dos óculos escuros cegou quando mantinha relação sexual com um cliente habitual, mas não o avisou que estava com conjuntivite e que poderia contaminá-lo, apenas perguntou se podia manter os óculos escuros durante o ato sexual, no que ele respondeu afirmativamente, apesar de achar estranho o pedido.

O medo cegou os militares que vigiavam os cegos durante a quarentena no manicômio, antes mesmo de o mar de leite aparecer em seus olhos. O tratamento dispensado aos que estavam confinados era de indiferença e medo, alegando que só recebiam ordens e tinham que cumpri-las, estas eram anunciadas por um altifalante todos os dias. Depois da mulher do médico e o oftalmologista buscarem auxílio médico para o ladrão de carros e terem a ajuda negada como mostra o trecho abaixo:

Vamos, disse a mulher, não há nada a fazer, eles nem têm culpa, estão cheios de medo e obedecem ordens. Não quero acreditar que isto esteja a acontecer, é contra todas as regras de humanidade, É melhor que acredites, porque nunca te encontraste diante de uma verdade tão evidente (SARAMAGO, 1995, p. 69)

O ladrão de carros só queria ter o seu direito à saúde resguardado devido a gravidade do ferimento que possuía na perna, que os miliares o levassem a um hospital que atendesse aos cegos e depois de medicado, eles retornassem ao manicômio “Muito devagar, no intervalo entre dois ferros verticais, como um fantasma, começou a aparecer uma cara branca. A cara de um cego. O medo fez gelar o sangue do soldado, e foi o medo que o fez apontar a arma e disparar uma rajada à queima-roupa”. (SARAMAGO, 1995, p.80). O gatilho da arma foi acionado pelo medo que o soldado tinha de falar com os cegos, afinal ele podia cegar só de olhar, não houve tempo do ladrão de carros falar nada, de argumentar que só precisava de ajuda, de medicamento, de alguém que cuidasse de seu ferimento infeccionado, levou uma saraivada de balas no meio da cara e o medo cegou, o soldado que pensava que via. “É desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade”. (SARAMAGO, 1995, p.40)

Segundo Zygmunt Bauman existem três razões para se ter medo:

Uma delas era (é e continuará a ser) a ignorância: não saber o que vai acontecer em seguida, o quanto somos vulneráveis a infortúnios, que tipo de infortúnios serão esses e de onde provêm. A segunda era (é e continuará a ser) a impotência: suspeita-se que não há nada ou quase nada a fazer para evitar um infortúnio ou se desviar dele, quando vier. A terceira era (é e continuará a ser) a humilhação, um derivado das outras duas: a ameaça apavorante à nossa autoestima e autoconfiança quando se revela que não fizemos tudo que poderia ser feito, que nossa própria desatenção aos sinais, nossa indevida procrastinação, preguiça ou falta de vontade são em grande parte responsável pela devastação causada pelo infortúnio. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 118)

No atual cenário de pandemia de COVID-19 essas três razões salientadas por Bauman existem no Brasil. O medo pela ignorância de não sabermos quando o número de pessoas contaminadas e mortas pelo Coronavírus irá diminuir, visto que todas as previsões erraram, o pico da doença já foi março, depois, abril, no atual momento os meios de comunicação dizem ser entre julho e setembro, ninguém sabe ao certo, ninguém tem certeza de nada. Enquanto isso o comércio em muitos municípios e Estados continuam fechados, levando empresários a falência, empregados demitidos sem receber direitos trabalhistas, em outros casos suspendem-se os contratos de trabalho ou os empresários deram férias coletivas, aulas suspensas sem previsão de retorno, em alguns casos as aulas são ministradas de forma virtual, mas nem todos os alunos tem acesso a uma internet de qualidade e a computadores. A ignorância de não saber o que vai acontecer, de até quando a Economia irá se manter e até quando muitos irão conseguir se manter sem seus empregos?

O medo pela impotência de não poder fazer nada ou quase nada. Os governantes pedem que as pessoas fiquem em casa, não se exponham sem necessidade saindo para supermercados, farmácias, loterias, bancos, mas não adianta. As súplicas dos prefeitos e

governadores não são atendidas e muitos continuam vivendo suas vidas como se nada estivesse acontecendo, como se “a normalidade” de suas vidas ainda existisse, continuando a procurar parques e avenidas para caminhar e correr, a ir as praias, parques, a viajar para outros lugares, algumas pessoas parecem que estão de férias e não de quarentena, fazem festas particulares e divulgam em redes sociais.

O que pode ser feito é o isolamento social para que as pessoas não contaminem a si e a outras pessoas, a utilização de máscaras e a distância mínima de um metro de uma pessoa para outra é o mínimo que as autoridades pedem que seja feito, no entanto, o que se vê no Brasil é uma aglomeração de pessoas sem máscaras, em filas quilométricas em casas lotéricas e Caixa Econômica Federal para receber o auxílio de R\$ 600, 00 (seiscentos reais) pago pelo governo federal aqueles que têm direito. Assim, as autoridades ficam impotentes diante de tamanho descaso da população, muitos acreditam que é uma “gripezinha” como outra qualquer, que é a mídia que está causando pânico na população e até que alguém próximo da família seja contaminado e fique entre a vida e a morte, entubado em uma UTI, sem conseguir respirar sem a ajuda de aparelhos, algumas pessoas permanecem cegas diante da situação.

O medo pela humilhação que deriva da ignorância e da impotência que chega quando as pessoas descobrem que podiam ter feito coisas simples para evitar a disseminação em massa do COVID-19, mas que por ignorância não fizeram. O ato de higienizar as mãos constantemente, utilizar máscara, manter distância segura de outras pessoas, não visitar idosos, não participar de aglomerações quaisquer que sejam elas, eram atitudes simples que poderiam ter evitado mortes, mas que não forem realizadas e o resultado é o crescimento de infectados e mortos.

O medo da falência faz comerciantes ignorarem os decretos municipais e estaduais e abrirem seus comércios em plena pandemia, sendo muitas vezes advertidos pelos órgãos competentes e multados pelo desrespeito as normas, levando a situações de humilhação como a que aconteceu no Estado do Piauí, na capital Teresina em que um comerciante foi algemado e levado a delegacia depois de se recusar a mostrar seus documentos para as autoridades realizarem um TCO (Termo Circunstanciado de Ocorrência), recusou-se a obedecer aos policiais, foi preso por desacato por tê-los ofendidos com palavras de baixo calão, tudo isso foi gravado e colocado em mídias sociais, telejornais locais e nacionais. Segundo Bauman e Donskis (2014, p. 122)

Viver em condições de incerteza prolongada e em aparência incurável provoca duas sensações humilhantes: ignorância (não saber o que o futuro trará) e impotência (ser incapaz de influenciar em seu curso). Elas são humilhantes de verdade. Em nossa sociedade altamente individualizada, em que se presume que cada indivíduo seja responsável por seu próprio destino na vida, essas condições implicam a

inadequação do sofredor para tarefas que outras pessoas mais exitosas, parecem desempenhar graças à maior capacidade e ao maior esforço. Inadequação sugere inferioridade, e ser inferior, ser visto como tal, é um golpe doloroso contra a autoestima, a dignidade pessoal e a coragem da autoafirmação. A depressão é agora a doença psicológica mais comum. Ela atormenta um número crescente de pessoas que receberam a designação coletiva de “precariado”, expressão cunhada a partir do conceito de “precariedade”, denotando a incerteza existencial.

Com a incerteza do que o futuro nos trará depois dessa pandemia de COVID-19 e o que se pode fazer até que se volte minimamente a dita “normalidade”, as pessoas começam a adoecer, a perder sua saúde mental, imaginam os piores cenários e acreditam neles, fazem projeções catastróficas de seu futuro e adoecem de medo, de insegurança, se tornam pessoas ansiosas e depressivas.

A internet está repleta de vídeos de pessoas ensinando coisas novas, parece que nesse tempo de isolamento social, as pessoas obrigatoriamente têm que aprender uma nova língua, quando não sabem ler, escrever e interpretar nem a língua portuguesa, têm que aprender a cozinhar e criar suas próprias receitas, mesmo que ninguém as prove, fazer trabalhos manuais, (re)criar, se (re)inventar, mesmo não tendo aptidão para realizá-los.

E aquelas pessoas que não conseguem fazer nada disso? Que no atual cenário brasileiro estão inaptas a realizar coisas novas, a aprender, a se reinventar, estão tristes, inseguras. Sentem-se inferiores por não serem produtivas como tantas outras pessoas são. Saramago diz que: “Na verdade ainda está por nascer o primeiro ser humano desprovido daquela segunda pele a que chamamos egoísmo, bem mais dura que a outra, que por qualquer coisa sangra”. (SARAMAGO, 1995, p. 169) Por que julgá-las como incompetentes, inadequadas, quando na verdade elas estão com medo, e está tudo bem sentir-se com medo de um futuro que ninguém sabe o que trará. Se o desemprego, a falência, a fome, a doença, a morte. O egoísmo também é uma espécie de cegueira, é uma segunda pele como diz Saramago, que não nos deixa ver com empatia o sofrimento e a dor de outras pessoas.

## **6. De que Direito falar, a partir da pandemia do século XXI relacionado a Literatura.**

Na obra O Ensaio sobre a cegueira de Saramago observamos à violação aos direitos fundamentais mais básicos dos cidadãos e ao princípio da dignidade da pessoa humana. O governo quando se depara com o mal-branco e não sabe o que fazer coloca as pessoas em quarentena, definida pelo ministro como “Queria dizer que tanto poderão ser quarenta dias como quarenta semanas, ou quarenta meses, ou quarenta anos, o que é preciso é que não saiam de lá”. (SARAMAGO, 1995, p.45-46), ou seja, as pessoas devem ficar isoladas das

demais, para que não contaminassem outras pessoas, assim como era feito na época da epidemias de cóleras e febre amarela quando os barcos contaminados ou com suspeitas de contaminação ficavam por quarenta dias no mar, sem ninguém poder sair ou entrar, daí o surgimento do nome quarentena.

Enquanto não se apurassem as causas, ou, para empregar uma linguagem adequada, a etiologia do mal-branco, como graças à inspiração de um assessor imaginativo, a malsonante cegueira passaria a ser designada, enquanto para ele não fosse encontrado o tratamento e a cura, e quiçá uma vacina que prevenisse o aparecimento de casos futuros, todas as pessoas que cegaram, e também as que com elas tivessem estado em contacto físico ou em proximidade directa, seriam recolhidas e isoladas, de modo a evitarem-se ulteriores contágios, os quais, a verificarem-se, se multiplicariam mais ou menos segundo o que matematicamente é costume denominar-se progressão por quociente. (SARAMAGO, 1995, 45)

O governo isola os cegos e os que tiveram contato com os cegos, como forma de parar a contaminação, mesmo sem saber como acontece o contágio, as causas da doença, e sem previsão de uma cura, ou uma vacina, os especialistas nunca tinham visto nada como a cegueira branca, então a própria ciência está cega nos avanços científicos que pudessem encontrar uma vacina ou uma cura.

No Brasil, na pandemia de Coronavírus foi editada a portaria Nº 356, de 11 de março de 2020 “dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do Coronavírus (COVID-19).” Esta portaria trata da medida de isolamento e da quarentena. “Art. 3º A medida de isolamento objetiva a separação de pessoas sintomáticas ou assintomáticas, em investigação clínica e laboratorial, de maneira a evitar a propagação da infecção e transmissão local”. Essa medida de isolamento pode ser feita em casa ou no hospital dependendo do estado clínico do paciente, no prazo máximo de quatorze dias, podendo ser prorrogada se tiver risco de transmissão da doença, após resultado laboratorial. Os termos isolamento e quarentena são utilizados como se fossem sinônimos, no entanto, são diferentes.

A quarentena está prevista na mesma portaria no Art. 4º “A medida de quarentena tem como objetivo garantir a manutenção dos serviços de saúde em local certo e determinado” e pode ser adotada pelo prazo de até 40 (quarenta) dias, mas esse prazo pode ser estendido pelo tempo necessário para reduzir a transmissão comunitária.

O que se percebe é que as pessoas não estão levando a sério nem o isolamento e nem a quarentena, o número de carros aumentou consideravelmente nas ruas, pessoas se aglomeram em festas particulares, sejam em suas casas ou sítios alugados e a polícia constantemente é

chamada para acabar com festas particulares, como a conscientização não está adiantando, multas são aplicadas pelo descumprimento dos decretos. Na obra Ensaio sobre a cegueira o narrador trata da importância da quarentena para preservar a saúde dos que ainda não foram infectados.

O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam também, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhe competem, pensando que o isolamento em que agora se encontram representará acima de quaisquer outras considerações pessoais, **um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional. (grifo nosso)** (SARAMAGO, 1995, p.50)

Conforme destacado no trecho acima, permanecer em isolamento e na quarentena é um ato de solidariedade em relação ao restante da comunidade, é não querer que as demais pessoas também se contaminem. Na obra, os personagens estão isolados em um manicômio que estava desativado, na pandemia que enfrentamos, as pessoas devem ficar em isolamento ou quarentena em sua própria casa, somente nos casos mais graves é que são hospitalizadas e com uma equipe médica de apoio que possam socorrê-los. Qual a dificuldade de se ficar em casa e não estar o tempo todo perambulando pelas ruas, visto que, a maioria do comércio está fechada (com exceção dos essenciais como supermercados, farmácias e padarias). Por que as pessoas insistem em não obedecer aos decretos, sejam eles municipais ou estaduais? Se um isolamento sério tivesse sido realizado no início da pandemia, provavelmente hoje o número de mortos e infectados não seria absurdo como é no caso do Brasil. E cada dia vemos o número de pessoas que estão em casa diminuir, após quatro meses de um isolamento mal feito e as consequências para a saúde e economia são incalculáveis.

Na obra o Ensaio sobre a cegueira assim que os personagens adentravam o manicômio ouviam uma mensagem que dizia:

Dito isto, pedimos a atenção de todos para as instruções que se seguem, primeiro, as luzes manter-se-ão sempre acesas, será inútil qualquer tentativa de manipular os interruptores, não funcionam, segundo, abandonar o edifício sem autorização significará morte imediata, terceiro, em cada camarata existe um telefone que só poderá ser utilizado para requisitar ao exterior a reposição de produtos de higiene e limpeza, quarto, os internados lavarão manualmente as suas roupas, quinto, recomenda-se a eleição de responsáveis de camarata, trata-se de uma recomendação, não de uma ordem, os internados organizar-se-ão como melhor entenderem, desde que cumpram as regras anteriores e as que seguidamente continuamos a enunciar, sexto, três vezes ao dia serão depositadas caixas de comida na porta da entrada, à direita e à esquerda, destinadas, respectivamente, aos pacientes e aos suspeitos de contágio, sétimo, todos os restos deverão ser queimados, considerando-se restos, para este efeito, além de qualquer comida sobrando, as caixas, os pratos e os talheres, que estão fabricados de materiais combustíveis, oitavo, a queima deverá ser efectuada nos pátios interiores do edifício ou na cerca, nono, os internados são responsáveis por todas as consequências negativas dessas queimas, décimo, em caso de incêndio, seja ele fortuito ou intencional, os bombeiros não intervirão, décimo primeiro, igualmente não deverão os internados contar com nenhum tipo de intervenção do exterior na hipótese de

virem a verificar-se doenças entre eles, assim como a ocorrência de desordem ou agressões, décimo segundo, em caso de morte, seja qual for a sua causa, os internados enterrarão sem formalidades o cadáver na cerca, décimo terceiro, a comunicação entre a ala dos pacientes e a ala dos suspeitos de contágio far-se-á pelo corpo central do edifício, o mesmo por onde entraram, décimo quarto, os suspeitos de contágio que vierem a cegar transitarão imediatamente para a ala dos que já estão cegos, décimo quinto esta comunicação será repetida todos os dias, a esta mesma hora, para conhecimento dos novos ingressados. **O Governo e a Nação esperam que cada um cumpram o seu dever. Boas noites. (grifo nosso)** (SARAMAGO, 1995, p. 50-51)

Essa mensagem é repetida todos os dias, para que os novos ingressantes estejam cientes das regras pré-estabelecidas pelo Governo. Note-se que no trecho destacado o Governo e a nação esperam que os cegos e os infectados cumpram todas as ordens, sem contestar, pois é dever de todos que estão naquela situação. No entanto, o Governo não dá as mínimas condições de existência digna no manicômio, local em que todos os direitos fundamentais são violados, seja o direito a uma vida humana com dignidade, à saúde, educação, lazer, higiene, segurança pública, dentre outros. Ao se contaminarem, as pessoas deixam de ser vistas como seres humanos pelo Governo e sociedade, são vistos como ameaça à saúde dos demais cidadãos, e há inclusive quem pense que a melhor saída seja exterminar todos os cegos, porque assim, não contaminariam o restante da população. O sacrifício da morte deles seria justificável, para que os sãos permanecessem vivos e sadios.

O único auxílio que vem de fora é a comida que é distribuída três vezes ao dia, mas que em pouco tempo não é suficiente para alimentar de forma adequada a todos, porque aumenta-se o número de pessoas, mas a quantidade de comida permanece a mesma, logo, as pessoas vão estar disputando comida e os mais fracos passando fome.

As agressões que por ventura ocorressem dentro do manicômio não terão intervenção externa que possa auxiliá-los, como é o caso de quando os cegos malvados assumem o poder do manicômio e exigem todos os bens materiais dos cegos e infectados e por último, quando tudo de valor material já foi tomado, eles exigem que as mulheres se submetam aos seus caprichos sexuais. Não há intervenção por parte do governo que possa protegê-las. Assim, seguidamente as mulheres de várias camaratas são estupradas durante horas, causando inclusive a morte da cega das insônias, que não aguentou a violência física e psicológica a que foi submetida, ainda assim, não houve auxílio dos militares que estavam fazendo a guarda do manicômio. Estes só colocavam a comida e impediam que qualquer pessoa saísse do manicômio, mesmo quando precisavam de cuidados médicos como foi o caso do ladrão de carros, que pediu ajuda porque estava com um ferimento na perna infeccionado, mas o medo

de contaminação foi maior, e o guarda metralhou o ladrão de carros acreditando que ele queria fugir.

O governo não sabe o que fazer com os cegos e infectados, a doença não tem cura, não possui vacina e os pesquisadores não conseguem saber a forma de contágio, o que provoca a cegueira, quem é passível de ficar cego e assim, todos, com exceção da mulher do oftalmologista vão perdendo a visão. Esta é a única personagem que não cega, mas em vários momentos da narrativa ela deseja cegar, se estivesse cega não veria as atrocidades que um ser humano é capaz de fazer com outro ser humano, a falta de empatia, de sensibilidade, a ganância, a luta pela sobrevivência que animaliza os homens, que perseguem, matam por algo para comer, para viver apenas mais um dia.

O governo tanto da obra literária, quanto do Brasil em 2020 não sabem conduzir a pandemia de forma adequada, não cumprem com o que prometem. O governo brasileiro institui um auxílio emergencial de R\$ 600 (seiscentos reais) pago em três parcelas, para a população de baixa renda, trabalhadores informais, desempregados, MEIs, contribuintes individuais do INSS, pessoas que realmente precisassem do auxílio do governo por estarem passando dificuldades financeiras devido a pandemia que tirou o sustento de milhões de família, seja empregos formais ou informais. No entanto, o que se observou é que muita gente em situação de vulnerabilidade social não conseguiu receber o auxílio emergencial e muitos que não precisavam, que fizeram a inscrição por brincadeira, que ocupavam cargos públicos (desde vereadores, prefeitos), funcionários públicos (inclusive militares), presos cumprindo pena foram beneficiados pelo auxílio, prejudicando quem realmente precisa receber para ter condições mínimas de sobreviver. Observa-se a cegueira não apenas do Estado e seus governantes que não foram eficientes em determinar quem realmente precisa do benefício, mas das próprias pessoas que não precisando do dinheiro, receberam como forma de prejudicar o governo, de se achar merecedor porque já paga muito imposto, para burlar as regras impostas, seja qual for o motivo que levou milhares de pessoas a receber o auxílio emergencial de forma fraudulenta, mostra a cegueira que ainda estamos submetidos, a cegueira do egoísmo, de não pensar no próximo, de não exercer sua cidadania de forma plena fazendo o que é certo. A mulher do oftalmologista está certa quando pensa que mesmo quando enxergamos, continuamos cegos, porque a cegueira da alma, essa é mais difícil de curar.

## CONCLUSÃO

Braúlio Bessa, poeta e cordelista nordestino, no poema Inumeráveis tem o seguinte verso “ Se os números frios não tocam a gente, espero que nomes possam tocar” e ao longo do poema fala o nome das vítimas e um pouco de sua história, para que as outras pessoas saibam quem são e que não permaneçam apenas como um número sem identidade. Em julho de 2020, o Brasil já passou da marca dos 60.000 (sessenta mil) mortos, mas números não nos dizem nada. Cada uma dessas pessoas que morreu vítima de COVID-19 tem uma história, são pessoas que tinham família, que amaram e foram amadas, não são apenas mais um número na estatística.

Saramago não colocou nome nos seus personagens, não delimitou uma cidade ou país específico para a tragédia humana que acontece em sua obra, não precisa, nós podemos ser qualquer um daqueles personagens, o primeiro cego, o ladrão de carros, a mulher do primeiro cego, o rapazinho estrábico, o oftalmologista, o velho da venda preta, a rapariga de óculos escuros, a cega das insônias, os cegos malvados (sim, podemos ser cruéis como seres humanos), a mulher do médico (mas também, podemos ser empáticos, fiéis aos nossos valores, altruísta).

O artigo procurou fazer uma retrospectiva de obras literárias conhecidas que também relatavam situações de epidemia ao longo dos séculos como é o caso de: Decamerão de Giovanni Boccaccio, A máscara da morte vermelha de Edgar Allan Poe, A Peste de Albert Camus mostrando como as relações humanas eram afetadas, além da saúde e da economia. No entanto, a obra O ensaio sobre a cegueira de José Saramago é a obra selecionada para relacionar com a atual pandemia que passa o mundo, pela cegueira que assola a humanidade tão bem descrita pelo autor. Em inúmeras passagens da obra literária, observamos os mesmos comportamentos desajustados e prejudiciais a sociedade, que causam pânico, indignação, revolta e mortes desnecessárias.

Os direitos fundamentais são violados ao longo da obra de Saramago, a internação no manicômio é compulsória, ou seja, as pessoas que cegam e as que tiveram contato com elas são isoladas em quarentena mesmo que elas não queiram, como forma de proteger as demais pessoas de um possível contágio, mesmo que violando os direitos humanos dos cegos e infectados. O governo não disponibiliza os meios necessários a uma vida digna na quarentena, e isso leva a uma luta pela sobrevivência, principalmente pela comida que não é suficiente para todos, depois as mulheres têm seus direitos sexuais violados pelos cegos malvados e os militares que vigiam o manicômio não interferem em nenhum momento para auxiliar os doentes.

A cegueira nas relações humanas é nítida, não há empatia, e o medo predomina, e assim governo e as pessoas seguem violando os direitos fundamentais de todos. Os cegos perdem direito a própria moradia, porque não conseguem voltar para suas casas e invadem outras residências em busca de abrigo e comida, lojas são saqueadas, principalmente as de alimentação, higiene é precária, até as imagens religiosas na igreja têm seus olhos vendados, como se a própria divindade tivesse cega diante do que estava acontecendo e não realizasse os milagres esperados pelos fiéis que tinham fé que a visão voltasse, ou alguém horrorizado diante do que via tivesse vendado as imagens para que não vissem a desumanidade que assolava a região. E como diz a mulher do médico. “Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, não vêem.” (SARAMAGO, 1995, p. 310). Em época de pandemia de COVID-19 permanecemos cegos, porque muitos não acreditam que a doença realmente exista, imaginam que é alarme da mídia, dos governadores, prefeitos, jornalistas, médicos e por isso não mantêm o distanciamento e isolamento social necessários, não usam máscaras, participam de manifestações a favor ou contra o governo de Bolsonaro, enfrentam filas quilométricas para receber o auxílio emergencial, lotam supermercados, fazem festas particulares sem os devidos cuidados e assim os números de mortos e infectados aumenta a cada dia. E como diria Saramago na epígrafe do Ensaio sobre a cegueira “ Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (SARAMAGO, 1995, p. 9).

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BESSA, Braúlio. **Inumeráveis**. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/leia-na-integra-o-poema-inumeraveis-do-cordelista-cearense-braulio-bessa-1.2248744>. Acesso em 29/06/2020.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerão**. Tradução: Torrieri Guimarães. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 356, de 11 de março de 2020. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, 12 de março de 2020. Seção 1. Página 185. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>. Acesso em 01/07/2020.

CAMUS, Albert. **A peste**. Tradução de Valerie Rumjanek Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

CANDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura e outros ensaios**. Coimbra. Editora Angelus Novus Ltda, 2004.

LOPES, João Marques. **Saramago (Biografia)** São Paulo: Leya, 2010

POE, Edgar Allan. **O escaravelho de ouro e outras histórias**. Tradução Marta Fagundes, Fatimá Pinho. São Paulo: Pandorga, 2018.

SILVA, Joana Aguiar . **Visões humanistas da justiça em ensaio sobre a cegueira**. In: TRINDADE, André Karam; GUBERT, Roberta Magalhães, COPETTI NETO, Alfredo. (orgs); [Ada Bogliolo Piancastelli de Siqueira]...[et al.]. **Direito & Literatura: discurso, imaginário e normatividade**. Porto Alegre: Núria Fabris Ed, 2010, p. 209-236

STRECK, Lenio Luiz. **Por que precisamos de grandes narrativas no e do direito**. In: NOGUEIRA, Bernardo G. B; SILVA, Ramon Mapa da (orgs) **Direito e Literatura: Por que Devemos escrever narrativas?** Belo Horizonte: Arraes Editores, 2013, p. 61-66

STRECK, Lenio Luiz. TRINDADE, André Karam (orgs). **Direito e Literatura: Da realidade da ficção à ficção da realidade**. São Paulo. Editora Atlas, 2013.

TEIXEIRA, Eliane de Alcântara. **O insólito e a Desumanização em Ensaio sobre a cegueira de José Saramago**. Edições Vercial, 2014.

WANDERLEY, Márcia Cavendish, BRAGA, Alessandra de Almeida. **Estado de exceção e representações literárias**. Passagens. *Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. Rio de Janeiro: vol. 3, nº 3, setembro-dezembro, 2011, p. 415-431.